

LUUANDA: O LIVRO DOS CHEIROS “FÉTIDOS” DOS OUTROS

Adelino Timóteo

No final da década de oitenta chegou-me às mãos esse livro, *Luuanda*, numa edição das Edições 70. Era o tempo do *boom* dos escritores africanos, que as Edições 70 publicavam. De certo, *Luuanda* de Luandino Vieira chegara-me às mãos e já o escriba era uma lenda, através das suas narrativas mito-poéticas.

O estilo coloquial adoptado por Luandino Vieira foi talvez um calcanhar de Aquiles neste primeiro contacto, ademais porque ele havia apostado na ‘crioulização’ do português como língua de expressão. A linguagem coloquial repercutiria no falar desta gente dos subúrbios de Luanda, com uma forte componente recreativa e de neologismos. Decifrar *Luuanda* foi possível através de dois livros ensaísticos que as próprias Edições 70 haviam de publicar. Esses dois livros foram santo-e-senha para ler *Luuanda* e aperceber-me que a componente lúdica era uma marca do coração do texto luandinense.

E nisto Luandino Vieira tornou-se como um bilhete de identidade que me permitiu atravessar por certas zonas-tabus, funcionando como uma senha para conspurcar o português padrão, de Portugal. O resultado foram os seguintes contos que publiquei no *Diário de Moçambique*: “Zeferino, o homem que morreu três vezes” (10/09/94), “Rodrigues, o herói da independência” (9/06/94), “O barrigudo” (04/03/95), “A chave final do julgamento de uma prostituta” (18/03/95), “O tio colorido” (14/01/95), “O pescador e a velha” (1/07/95), “Massinga” (27/05/95), “O Pretuguês” (1995?), “A Ana da Inhamudima” (1995?), entre outros, que embora não publicados em livro, constam do espólio do ensaísta Pires Laranjeira. O desvio do padrão nor-

mal, além de funcionar como uma profanação aos ditames instituídos pelas escolas oficiais resulta junto dos leitores, por seu efeito e cumplicidade, num efeito que rapidamente cria uma zona / espaço de interação rápida escritor / leitor.

No Moçambique da primeira metade de 1990, reparei que o Suleiman Cassamo e Mía Couto representavam esta corrente. Reparei que outro escritor luso-moçambicano, Ascêncio de Freitas, glosava com muita naturalidade neste campo onde o viveiro eram os musseques, ou seja, os subúrbios. A crise editorial dos anos 90 terá levado a que aqueles meus escritos e outros que saíram na página “Diálogo”, do *Diário de Moçambique*, permaneçam ainda hoje não publicados, depois de uma tentativa com o Mía Couto e o pai, Fernando Couto, de lhes dar a estampa em 1996, através da Ndjira.

A literatura que se fazia nos anos 90 em Moçambique não tinha outra forma de escapar à corrente de Luandino Vieira, pois com a guerra em curso e a ruralização das cidades este espaço de convergência criou esta forma de estar na literatura, marcada pelo conflito entre a norma e o desvio. Os deslocados de guerra e o enfraquecimento do sistema de educação, com a fuga de cérebros, aceleraram a mussequitização do português e da língua em Moçambique. Se por um lado tínhamos bem assegurado que o Guimarães Rosa era o pai da suburbanização do português literário, por outro era evidente que Luandino Vieira era / é o nosso pai africano nesta corrente. O Bahassane Adamodjy, com o seu livro *Milandos de um Sonho* (2001), editado pela Quetzal, haveria também de marcar essa tendência inevitável na prosa, e José Craveirinha, na poesia.

O título do livro “Luuanda” representa, a meu ver, uma catarse, operando no contexto de uma nação e literatura que se pretende instituir. E as décadas 80 e 90 caracterizaram-se sobretudo pela fermentação do imaginário africano e do reconhecimento das literaturas africanas de expressão portuguesa. As vivências de Luandino Vieira nos musseques de Luanda lhe deram / emprestaram uma matriz que irá marcar toda a sua obra posterior e de muitos outros angolanos, como o Manuel Rui que em “Quem me dera ser onda” faz a caricatura da transposição / transferência dos costumes e do linguajar dos subúrbios no espaço urbano. É o que, em bom rigor, poderíamos chamar a bantunização do português angolano e moçambicano que este *Luuanda* vem consagrar / conceptualizar, pela sua publicação em 1963, e um sem número de edições que lhe seguiram. Ressuma, o português de Portugal enriqueceu com a bantunização que Luandino Vieira operou através da escrita com um forte cunho de oralidade (ovambundo e quim-

bundo), criando um espaço de aproximação entre o narrador / poder colonial e o leitor / escritor lançando mão de provérbios, ditados e valores dos usos e costumes até então ocultos e que irão ganhar um forte eco entre os confrades, o que justificou o Grande Prémio de Novelística da Associação Portuguesa de Escritores (APE).

“Minha estória. Se é bonita, se é feia, os que sabem ler é que dizem. Mas juro me contaram assim e não admito ninguém que duvide. (...) E isto é verdade, mesmo que os casos nunca tenham passado”, assim escreveu ele em *Luuanda*. Expressão essa reveladora de fidelidade do escriba com a tradição, e não só, de comprometimento com o meio em que vive, desempenhando ele a tarefa de portador da sociedade em que está inserido.

Em *Luuanda*, Luandino Vieira forneceu-me / emprestou-me um narrador que não precisa de ser cunhado com uma forma oficial que o autorize a escrever, não sendo ele mais do que co-produtor de uma nova língua portuguesa e paralela que vive e opera num espaço confinado e clama por um reconhecimento. Será por isso que o livro continua incólume, na sua inter-temporalidade. Ele chamou-me atenção para uma escrita despojada de artifício e de maniqueísmo. Uma escrita que ventile o ar e o aroma do espaço e lugar com que ela faz corpo.

A missão da escrita literária é resgatar o imaginário cultural e levá-lo a perdurar. Augurado este pressuposto, só assim se compreende a sobrevivência deste livro que influencia a minha escrita em *Nós, os do Macurungo* (2013), na perspectiva de que há um narrador, a seu modo, preocupado com a recreação da língua e em salvar a oralidade, a partir de uma periferia que irá influenciar e catalisar a mudança ao nível do próprio sistema linguístico / padrão literário nacional.

Luandino Vieira representa para mim um escritor que, com esta forma de operar a escrita e a língua, me transmite um à vontade quanto ao meu lugar na escrita, livre de qualquer rococó, livre de qualquer etiqueta que privilegie a posição da escrita literária feita actualmente nas antigas colónias, por isso reclamando um tratamento mais sério, pelos estudiosos e editoras, à evolução ao longo dos cinquenta anos, que as literaturas africanas foram tomando, à injusta e redutora imagem que a limita a dois ou três nomes reconhecidos, enquanto aos demais lhes é dada uma posição subalterna.

Uma vez aqui chegados, Luandino Vieira, inventor de uma marca literária que se compatibiliza com o seu meio e o seu tempo mereceria, a par desta homenagem pelos 50 anos deste *Luuanda*, uma nata e plêiade de escribas que lhe dessem eco, em se tratando ele de pai deste modus de fazer

literatura, desse modus de rasgar a gramática e voltar a juntar o puzzle dos papéis, a seu *modus* encantatório e maravilhosamente belo, pois é com ele que se sente o cheiro “fétido” dos outros que atormentam ainda, hoje, a preguiça de embrenhar nos subterrâneos de África que mais de quinhentos anos passados, continua por descobrir.

A síndrome que levou ao assalto da APE e a desculpa para se não reconhecer mérito ao Luuanda, depois dos prémios que mereceu, continua a povoar o meio inóspito dos estudos literários onde determinados círculos críticos e intelectuais mantêm latentes a alergia à aceitação natural da herança africana, e assim o mérito da chama de Luandino Vieira continua na penumbra, essa mesma que continua acesa nos musseques de Luanda, de Maputo, da Baía, e retintamente está desfocada nos escaparates das livrarias de Lisboa, reincidente dos “cheiros fétidos dos outros” que alimentam o folclore e a nostalgia de um paraíso perdido.

Adelino Timóteo nasce a 3 de fevereiro de 1970, na cidade da Beira, Moçambique. Formado em docência de língua portuguesa, não chega a exercer a sua profissão. Também licenciado em Direito, exerce a atividade de jornalista, combinando-a com as artes plásticas e escrita literária. Em 2004 e 2007 foi respetivamente homenageado pelo Instituto Superior Politécnico e Universitário (ISPU) e Conselho Municipal da Beira, no primeiro caso pela sua poesia, no segundo pelo seu contributo cultural para a urbe, como escritor e artista plástico. Em 1999 venceu o Prémio Anual do SNJ para a melhor Crónica Jornalística. Em 2001 venceu o Prémio Nacional Revelação de Poesia AEMO. Um excerto dos seus poemas, traduzidos em Italiano, consta da revista *Dis/Uguaglianze*.

Publicou os seguintes livros de poesia: *Os segredos da arte de amar* (1999, AEMO), *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique* (2002, NDJIRA), *A Fronteira do Sublime* (AEMO), *Dos Frutos do Amor e Desamores até à Partida* (Prémio BCI/AEMO 2011) e *Livro Mulher* (2013, Alcance Editores). Na prosa, se lhe destacam: *Mulungu* (2007), *A Virgem da Babilónia* (2009), ambos pela Texto Editores, *Nação Pária* (2010), *Nós, os do Macurungo* (2013), *Não Chora, Carmen* (2013), essas pelas Alcance Editores, *Na Aldeia dos Crocodilos* (2014 –conto infantil, edição Contos pelo Mundo), *Apocalipse dos Predadores* (Chiado Editora, Portugal). Ele está antologado na Antologia da Poesia Moçambicana *Nunca mais é Sábado* (Dom Quixote, Lisboa), *Colectânea Breve da Literatura Moçambicana* (Identidades), *Poesia sempre* (2006, Biblioteca Nacional do Brasil) e *Capitalismo um feito Revolução um direito* (Galiza, Espanha), entre outras.